

OS

50

autores
mais influentes
do século XX

e o que
aprendemos

ou devíamos ter aprendido
com eles

texto

José Mário Silva

ERNEST HEMINGWAY (1899-1961)

A enorme influência de Hemingway na literatura mundial faz-se sentir de dois modos. Primeiro, através da forma como escrevia: frases curtas, dinâmica narrativa colada ao osso da história, diálogos exemplares. São inúmeros os escritores americanos que lhe devem qualquer coisa a este nível: J. D. Salinger, Kerouac, Hunter S. Thompson, Elmore Leonard e até autores mais jovens como Bret Easton Ellis ou Chuck Palahniuk. Depois, enquanto figura literária. O yankee à solta na Europa, a viver a Festa em Paris, a atravessar a guerra de Espanha, dando o corpo ao manifesto e exemplificando o que é isso da "grace under pressure", corresponde na perfeição ao ideal do escritor aventureiro. Não será exagerado dizer que a forma como viveu (e morreu, disparando um tiro na cabeça) foi uma das suas melhores obras, se não a melhor. Hemingway é ainda o centro de um negócio de nostalgia, que tanto leva turistas a Cuba à procura de daiquiris como imitadores a Key West para um concurso de sócias.

O que nos ensinou: a literatura como reflexo da vida e a vida como reflexo da literatura

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ (1928-)



De todos os escritores latino-americanos responsáveis pelo chamado boom do realismo mágico, durante a década de 60 do século passado, García Márquez (Gabo para os amigos) é aquele que conheceu uma aceitação mais universal, reflectida na atribuição do Nobel, em 1982. As suas histórias, irradiando a partir da cidade imaginária de Macondo, são narrativas que introduzem com grande mestria elementos fantásticos no quotidiano de personagens maiores do que a vida. Os romances Cem Anos de Solidão e O Amor nos Tempos de Cólera foram obras-primas marcantes para milhões de leitores em todo o mundo.

O que nos ensinou: uma concepção de literatura enquanto lugar onde todos os prodígios são possíveis



JAMES JOYCE (1882-1941)

Há precisamente dez anos, a revista Time elegeu Joyce como o escritor mais influente do século XX. A escolha compreende-se. Nascido em 1882, soube fazer a ponte entre a tradição literária e as vanguardas. Se as primeiras obras (Gente de Dublin ou Retrato do Artista Quando Jovem) ainda respeitavam os principais códigos narrativos vigentes, o romance Ulisses (1922) estilhaçou todas as regras, revolucionando a literatura de uma forma que só tem paralelo com as mudanças de paradigma instauradas por Einstein no campo da Física. Aliás, foi T. S. Eliot quem afirmou que a utilização dos mitos clássicos (a Odisseia, com as suas personagens e simbolismos) em contexto moderno teve "a importância de

uma descoberta científica". Ao transformar as deambulações de Leopold Bloom por Dublin, no dia 16 de Junho de 1904, numa obra de arte total extremamente complexa, Joyce abriu rumos seguidos por outros grandes escritores, de Beckett a Faulkner, de Bellow a García Márquez.

O que nos ensinou: a audácia do experimentalismo linguístico (levado para lá de todos os limites no quase ilegível Finnegans Wake)





AGATHA CHRISTIE (1890-1976)



“Rainha do Crime”, chamaram-lhe. Criadora de dois dos mais carismáticos detetives com que alguma vez os leitores de policiais se cruzaram (o refinado Hercule Poirot, sempre orgulhoso das suas “pequenas células cinzentas”, e a adorável Miss Marple), Agatha Christie está registada no Livro Guinness dos Recordes como a autora que mais livros vendeu, deixando para trás Shakespeare e sendo batida apenas pela Bíblia. Há milhões de leitores que talvez não tenham lido mais nada, mas leram os seus intrincados mistérios.

O que nos ensinou: a culpa nem sempre é do mor-domo

BERTOLT BRECHT (1898-1956)



Dramaturgo, além de poeta, teorizou e levou à prática uma visão épica e dialéctica do teatro, na qual se procurava um distanciamento entre o espectador e a cena, de forma a centrar o trabalho dramático na crítica das relações sociais, com uma preocupação didáctica, tendo em vista a tomada de consciência de quem assistia aos espectáculos. A companhia Berliner Ensemble prosseguiu estes princípios mesmo após a sua morte.

O que nos ensinou: a força radical do teatro enquanto meio para questionar as ordens estabelecidas

GILLES DELEUZE (1925-1995)



Com uma vastíssima bibliografia, criticou com o mesmo grau de profundidade de Spinoza, Kant, Nietzsche, Foucault ou o cinema. Para ele, a filosofia era criação de conceitos. Entre os seus textos mais citados estão os escritos a meias com Félix Guattari, nomeadamente os reunidos em *Capitalismo e Esquizofrenia* (cujo segundo volume, *Mil Planatos*, acaba de ser editado pela Assírio & Alvim).

O que nos ensinou: metáforas físicas para modelos epistemológicos, como o célebre “rizoma” (entidade difusa, sem centro; o oposto do carácter hierárquico da estrutura clássica da “raiz”)

VIRGINIA WOOLF (1882-1941)

No tempo que lhe coube viver, conseguiu impor uma voz feminina num mundo dominado por homens. “Para escrever ficção, uma mulher precisa de dinheiro e de um quarto que seja seu”, afirmou num famoso ensaio. Ao longo da vida levou a frase à letra, como comprovam os nove romances e dois livros de contos que constam da sua bibliografia. Pertenceu ao Grupo de Bloomsbury e ao movimento modernista inglês, tendo contactado de perto com os principais intelectuais britânicos da primeira metade do século XX. Atormentada pela depressão, pôs fim à vida com o sentido trá-

gico das suas personagens, afogando-se no rio Ouse com os bolsos cheios de pedras, depois de escrever ao marido uma pungente nota de suicídio. A cena está reproduzida no romance *As Horas*, de Michael Cunningham (adaptado ao cinema em 2002), que cruza a vida da escritora com a da protagonista do livro *Mrs. Dalloway* (1925). Um exemplo dos muitos ecos que a obra de Woolf continua a ter na literatura contemporânea.

O que nos ensinou: a utilização exemplar do monólogo interior



CARL SAGAN (1934-1996)



Astrónomo norte-americano com excepcionais dons de comunicação, destacou-se como divulgador científico. O seu livro *Cosmos*, a partir do qual foi feita uma notável série televisiva, desvendou ao cidadão comum os grandes segredos do Universo e estimulou muitos jovens a seguirem uma carreira científica. Escreveu

ainda o romance *Contacto* (adaptado ao cinema por Robert Zemeckis), sobre o encontro da espécie humana com uma civilização extra-terrestre.

O que nos ensinou: mesmo princípios científicos complexos, se explicados com clareza, podem ser entendidos por qualquer um



FERNANDO PESSOA (1888-1935)

"Eu sou um outro", escreveu Rimbaud. "Contenho multidões", exclamava Whitman. Fernando Pessoa fundiu as duas ideias: foi outros, muitos outros, uma multidão de outros. O poeta secreto, empregado de escritório com uma arca de textos quase infinita em casa, modernista da geração de Orpheu, não se limitou a inventar os heterónimos; antes criou para si mesmo uma literatura inteira. Talvez por isso, houve poucos escritores portugueses que se tenham abrigado à sua sombra, que é dizer também a sombra de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro ou Ricardo Reis. Por muito que pare sobre nós, dominadora, a obra de Pessoa é tão excepcional, tão fulgurantemente única, que não deixou discípulos ou epígonos. No estrangeiro, tornou-se entretanto o epítome das letras lusas e da nossa problemática identidade, bem como do nosso imobilismo reflexivo e melancólico, tão bem fixado nessa obra-prima absoluta que é o inacabado (e inacabável) Livro do Desassossego, de Bernardo Soares.

O que nos ensinou: o milagre da heteronímia (através da qual antecipou as fragmentações e desdobramentos da pós-modernidade)



ITALO CALVINO (1923-1985)



Narrador de fina estirpe, Italo Calvino nunca se fixou num género ou num estilo de escrita. Profundo conhecedor dos clássicos (um termo sobre o qual teorizou), foi cruzando ao longo da sua obra uma abordagem realista (mais presente nos seus primeiros livros) com aproximações ao fantástico (trilogia Os Nossos Antepassados), às estratégias pós-modernistas (Cosmómicas; Se Numa Noite de Inverno um Viajante)

ou aos constrangimentos lúdicos do grupo OuLiPo. As suas Seis Propostas para o Próximo Milénio, obra póstuma, oferecem a quem as lê um belíssimo testamento artístico e enumeram as virtudes que a Literatura deve preservar: leveza, rapidez, exactidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

O que nos ensinou: a paixão pela linguagem e pelos artifícios literários

FRANZ KAFKA (1883-1924)

Kafkiano. De todos os adjectivos associados a nomes de escritores, é este o mais nítido (mesmo quem não leu Kafka sabe o que quer dizer) e o mais universal. As histórias kafkianas estão em todo o lado: em Praga, em Lisboa, em Bogotá ou no Bangladesh. Isto é, onde quer que existam homens, leis, níveis hierárquicos, lógicas perversas, burocracias. "A Alemanha declarou guerra à Rússia. À tarde, piscina", escreveu no seu Diário, em 1914. Diz a lenda que não conseguiu acabar de ler o romance O Processo aos seus amigos porque tinha ataques de riso. Foi talvez este distanciamento em relação às coisas que lhe permitiu escrever algumas das obras mais perturbantes da literatura ocidental: contos, parábolas, fragmentos, romances, uma novela (Metamorfose), textos que nos rebentam nas mãos com uma angustiante estranheza. A sua influência é tão grande que até funciona retrospectivamente, como assinalou Borges no célebre ensaio Kafka e os seus precursores.

O que nos ensinou: o absurdo da tragédia humana, tão absurdo que lhe dava (a ele, Kafka) vontade de rir



ENID BLYTON (1897-1968)



Foi uma espécie de J. K. Rowling da primeira metade do século XX, mas muito mais prolixa e menos talentosa. Em 40 anos publicou mais de 800 títulos, divididos em 16 séries que acompanhavam as várias idades do seu público infantil-juvenil: desde Noddy, o taxista do País dos Brinquedos (para os mais pequenos, hoje viciados na versão televisiva), até às aventuras dos Cinco e dos Sete (clássicos da leitura na pré-adolescência). Edições recentes têm suavizado o racismo e sexismo dos textos originais de Blyton, uma autora que continua, apesar do estilo conservador e antiquado, a vender a rodos (cerca de 10 milhões de exemplares por ano).

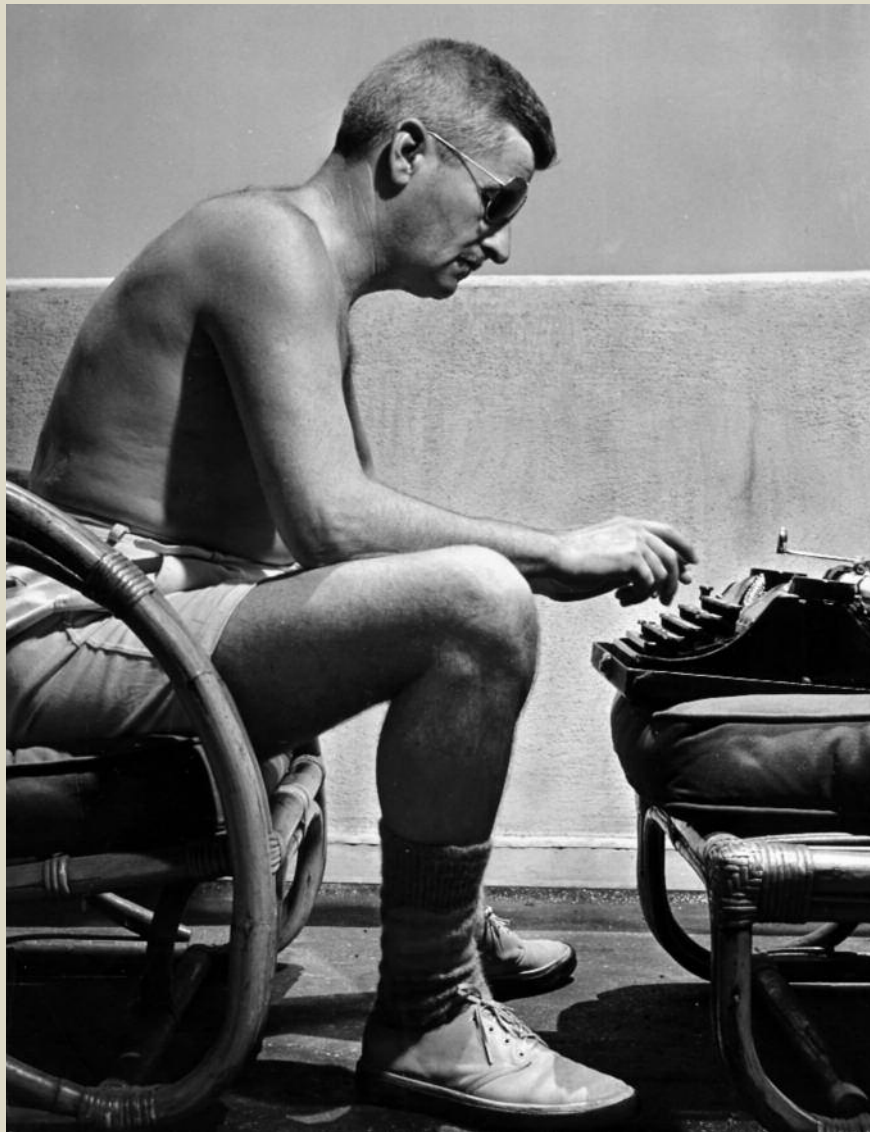
O que nos ensinou: o segredo infalível para chegar ao coração das crianças e adolescentes

SALMAN RUSHDIE (1947-)



A influência do autor de Versículos Satânicos é fácil de medir. Basta ver o estado apoplético em que deixou os fundamentalistas islâmicos ao publicar o seu romance "blasfemo", em 1988. A fatwa (condenação à morte) lançada contra ele pelo Ayatollah Khomeini, então líder supremo do Irão, forçou-o a uma espécie de clandestinidade durante dez anos, sem que Rushdie tenha em qualquer momento cedido ao terror psicológico. Consciente do poder da literatura, e dos potenciais perigos que acarreta, nunca deixou de escrever. O romance Os Filhos da Meia-Noite (1981), sobre a independência da Índia, foi considerado o Booker dos Bookers, em 1993.

O que nos ensinou: a não tolerar a intolerância religiosa



HERMANN HESSE (1877-1962)



Escritor alemão naturalizado suíço, é o autor de *Siddharta* (1922), um livro que nasceu das experiências vividas durante uma viagem à Índia, onze anos antes. Ao narrar a história de *Siddharta*, e de como ele se torna o Buda, Hesse cria uma espécie de guia para a conversão espiritual, aliando ideias místicas com uma atitude pacifista. Durante os anos 60, transformou-se numa espécie de bíblia do movimento hippie mas o seu impacto manteve-se até hoje, continuando a ser um dos mais procurados nas livrarias.

O que nos ensinou: a procura da sabedoria através do despojamento

ISAAC ASIMOV (1920-1992)

Autor norte-americano de origem russa, foi um dos chamados Três Grandes da Ficção Científica (a par de Robert A. Heinlein e do recentemente falecido Arthur C. Clarke). Com uma capacidade de trabalho inesgotável, que lhe permitiu escrever ou editar mais de 500 livros, Asimov ganhou tudo o que havia para ganhar no campo da FC (oito prémios Hugo, três Nebula, o respeito dos outros autores) e ainda conseguiu estabelecer uma enorme reputação enquanto divulgador de temas científicos.

O que nos ensinou: muita ciência, em bruto e através das suas ficções

GUY DEBORD (1931-1994)



Publicado em 1967, nas vésperas do Maio de 68, o ensaio *A Sociedade do Espetáculo* estabeleceu Guy Debord, já então conhecido pela sua participação activa em movimentos subversivos (do Letrismo à Internacional Situationista), como um dos principais críticos do capitalismo, reinterpretando o trabalho de Marx de forma a estender o conceito de alienação a outras esferas, para lá da actividade laboral. A sua análise da cultura de massas e do poder das imagens tornou-se ainda mais pertinente após o triunfo da globalização, a que já não assistiu por se ter suicidado, em 1994, aos 63 anos, com um tiro no coração. *A Antígona* acaba de editar um livro sobre a sua figura e obra, assinado por Anselm Jappe.

O que nos ensinou: a urgência revolucionária, da teoria à prática

WILLIAM FAULKNER (1897-1962)

Um dos gigantes da literatura norte-americana, autor de romances poderosos (*O Som e a Fúria*; *Luz em Agosto*; *Absalão, Absalão!*), Nobel da Literatura em 1949 e vencedor de dois Pulitzer e dois National Book Awards. Embora fiel às tradições literárias sulistas (nasceu no estado do Mississippi), Faulkner soube cruzá-las com as mais variadas técnicas modernas, entre as quais o stream of consciousness. No romance *Palmeiras Selvagens*, uma das personagens diz «Entre a dor e o nada, escolho a dor», talvez a mais gloriosa das suas frases, nomeadamente por Jean-Luc Godard no filme *O Acochado*, com o fugitivo Belmondo a optar, em vez da dor, pelo nada. Em Portugal, o mais assumido discípulo é António Lobo Antunes, que não esconde a influência que o mestre exerceu no seu estilo de escrita. José Luís Peixoto foi ainda mais longe e tem o nome

do condado imaginário dos livros de Faulkner – Yoknapatawpha – tatuado num dos braços.

O que nos ensinou: a importância da polifonia na construção romanesca



THOMAS MANN (1875-1955)

Talvez o último dos grandes escritores clássicos, mostrou-se ambicioso ao ponto de querer fixar, nos seus imponentes romances, o espírito de uma época. Politicamente conservador, exilou-se nos Estados Unidos quando Hitler subiu ao poder, como a grande maioria dos intelectuais alemães. Da sua pena brotaram personagens prodigiosas, como Hans Castorp (*A Montanha Mágica*), Gustav von Aschenbach (*Morte em Veneza*) ou Adrian Leverkühn (*Doutor Fausto*).

O que nos ensinou: o recurso a certas personagens como arquétipos ideológicos

GRAHAM GREENE (1904-1991)



Além de romancista excepcional, que soube integrar as paisagens físicas e humanas dos países por onde passou (Libéria, México, Haiti, Cuba, Vietname, etc.) na lógica interna dos seus romances, Graham Greene também foi um agente dos serviços secretos britânicos (MI6), ao serviço dos quais passou uma temporada em Portugal. Católico com simpatias esquerdistas, viveu angustiadamente alguns aspectos da fé religiosa (as questões relacionadas com a ideia de pecado, por exemplo), transpondo-os muitas vezes para os seus protagonistas, quase sempre homens desencantados e cínicos, cheios de dilemas existenciais, vivendo situações moralmente ambíguas em lugares onde o Mal anda à solta.

O que nos ensinou: a mistura certa de inteligência com elegância

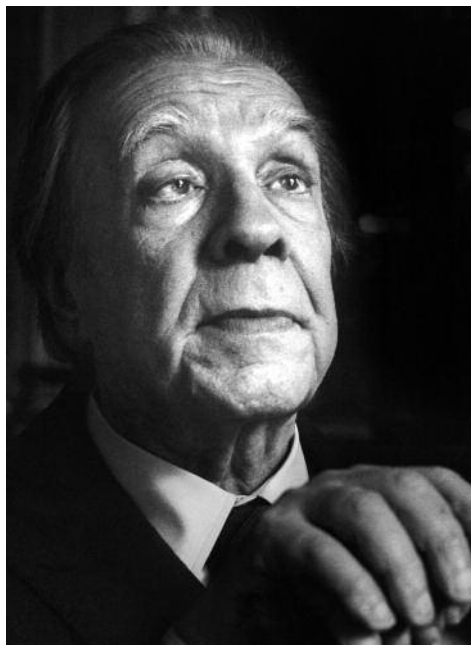
T. S. ELIOT (1888-1965)

Thomas Stearns Eliot, norte-americano que se tornou inglês aos 39 anos, depois de se converter ao anglicanismo, foi um dos mais respeitados críticos literários da sua geração, mas sobretudo um extraordinário poeta, embora com uma obra relativamente curta. Livros como *Prufrock* e outras *Observações*, *A Terra sem Vida* (*The Waste Land*), *Quarta-Feira de Cinzas* ou *Quatro Quartetos* são obras maiores da poesia de língua inglesa.

O que nos ensinou: a arte de rimar "come and go" com "Michelangelo"

revista LER (abril 2008)

JORGE LUIS BORGES (1899-1986)



Tal como Joyce, foi esquecido pela Academia Sueca, tão lesta a entregar o Nobel a escritores menores. A bem dizer, nunca necessitou desse tipo de caução. A sua fama, ganhou-a com textos buriladíssimos – ficções labirínticas, poemas de uma elegância clássica, ensaios desvairadamente enciclopédicos – e com a pose de sábio cego, feliz no recato de uma biblioteca sem limites, alimentando-se apenas da música das palavras. Erudito, bibliómano, Borges é o escritor por antonomásia, o homem que tinha na cabeça a Literatura toda (das 1001 Noites às sagas islandesas, de Cervantes a Chesterton) e a soube reinventar em livros que são como jogos de espelhos em que se aprisiona o infinito. A sua escrita, cerebral e de uma lógica avassaladora, prestou-se a todo o tipo de pastiches. Poucos autores do século XX terão influenciado tantos bons escritores e tantos maus epígonos, iludindo-se estes com a aparente facilidade de imitar o que afinal era inimitável.

O que nos ensinou: uma biblioteca pode ser um lugar mais aventureiro do que a selva amazónica

SAMUEL BECKETT (1906-1989)

"Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor" (*Pioravante Marche*). Eis uma citação do autor de *Dias Felizes* que se tornou um lema para muita gente e que resume uma ética transversal a toda a obra do escritor irlandês, vencedor do Prémio Nobel em 1969. Tanto nas peças de teatro como nas narrativas (romances e novelas), Beckett questionou, desmontou e eliminou as convenções realistas, abdicando de elementos como o enredo ou as noções precisas de tempo e espaço. À medida que envelhecia, as suas obras, escritas quer em inglês quer em francês, foram tendendo para uma rarefacção cada vez maior, até ao ponto de se transformarem em abstractos exercícios de linguagem. O seu experimentalismo antecipou várias correntes pós-modernas e são muitos os autores que reconhecem a sua herança, dos poetas da Beat Generation a John Banville ou Harold Pinter.

O que nos ensinou: a capacidade de fazer dos excluídos (vagabundos, mulheres presas na areia, ve-

lhos decrepitos) arautos dos abismos da condição humana



J. R. R. TOLKIEN (1904-1973)

Muitos escritores criam uma realidade paralela, mas poucos terão inventado um mundo tão fechado e complexo como a Terra Média, onde Tolkien coloca a acção de *O Senhor dos Anéis*. Para esta saga fantástica, o professor de Oxford e filólogo inventou várias línguas, além de uma imensa galeria de

personagens (que inclui hobbits e elfos). Venerada por gerações sucessivas de fãs, a trilogia de Tolkien passou para o grande ecrã pela mão do realizador Peter Jackson.

O que nos ensinou: a ficção como culto partilhado com um fervor quase religioso

PABLO NERUDA (1904-1973)

Durante décadas, Ricardo Eliezer Neftalí Reyes y Basoalto, que transformou o seu pseudónimo (Pablo Neruda) em nome oficial, simbolizou o poeta militante, disposto a colocar o lirismo tanto ao serviço do amor como de causas políticas (em Canto Geral, por exemplo, narra de forma épica a História da América Latina). Comunista ortodoxo, apoiante de Salvador Allende, morreu de ataque cardíaco a 23 de Setembro de 1973, 12 dias após o golpe de Pinochet.

O que nos ensinou: a fazer odes às coisas comuns (mesa, cadeira, pão, sabonete, um par de peúgas, etc.)



LUDWIG WITTGENSTEIN (1889-1951)

De quem somos herdeiros? Do Wittgenstein que escreveu o Tratado Lógico-Filosófico onde diz que a linguagem é o espelho do mundo (os limites de uma coincidindo com os limites do outro)? Ou do que não viu publicadas as Investigações Filosóficas dos “jogos de linguagem”? O “segundo” Wittgenstein desenvolveu este conceito nas aulas, que chegaram até nós em cadernos (Livros Azul e Castanho) e considera a linguagem indissociável do seu uso, à semelhança de um jogo que só se compreende jogando. Talvez sejamos herdeiros de ambos.

O que nos ensinou: se não podes falar sobre uma coisa, cala-te

EMILIO SALGARI (1862-1911)

Ao criar Sandokan, o temível Tigre da Malásia, e outros personagens igualmente corajosos (como o Corsário Negro), iluminou milhões de infâncias num tempo em que ainda não havia televisão nem PlayStation. A fama de Salgari era tão grande que lhe atribuíram uma centena de livros apócrifos, para além dos 200 que escreveu realmente. A lista de figuras que o assumiram como leitura infantil vai de Umberto Eco a Sergio Leone, de Isabel Allende a Che Guevara, passando pelo português Mário de Carvalho.

O que nos ensinou: a tensão dos romances de aventura que tiram o fôlego

JEAN-PAUL SARTRE (1905-1980)

Exemplo clássico do intelectual francês ideologicamente empenhado, Sartre assumiu durante décadas o papel do maître à penser, o filósofo existencialista que enviava dos cafés do Boulevard Saint-Germain, em Paris, as coordenadas a partir das quais muita gente interpretava o que se ia passando no mundo. Embora se outorgasse o estatuto de consciência moral do seu tempo, o fundador do jornal Libération (e um dos mentores do Maio de 68) teve dificuldade em conciliar a suposta defesa intransigente da liberdade humana – pilar da sua filosofia – com o

apoio prolongado aos regimes autoritários comunistas. Talvez por isso, e porque a globalização foi retirando estatuto e influência à cultura francesa, a posteridade não tem sido muito benevolente com o seu legado, incluindo a vasta obra literária, distinguida com o Nobel em 1964 – um prémio que Sartre recusou, afirmando que um escritor deve recusar que o transformem numa instituição.

O que nos ensinou: “a existência precede a essência”



ROBERT MUSIL (1880-1942)

O Homem sem Qualidades, seu magnum opus, é a ficção “inacabada e inacabável” por excelência, como disse João Barrento, autor de uma nova tradução do livro, editada no mês passado pela Dom Quixote (a primeira feita em Portugal directamente do alemão). Romance-ensaio, difícil e exigente para o leitor, com as suas constantes interrupções do fluxo narrativo, retrata a atmosfera de Viena em 1913, pouco antes da eclosão da I Guerra Mundial (esse abismo que engoliria de vez o império Austro-Húngaro). Um mundo dissecado pelos olhos do matemático Ulrich, anti-herói que se tenta libertar das “qualidades” alheias para conseguir encontrar “o caminho da sua própria vida”.

O que nos ensinou: a literatura como sistema que organiza um mundo caótico

PRIMO LEVI (1919-1987)



“Há dois tipos de sobreviventes do Holocausto: os que calam e os que falam”, disse um dia este discreto químico italiano – vítima, como tantos outros judeus, das atrocidades que fizeram de Auschwitz um “buraco negro” na História do século XX. Após o fim da guerra, Levi, que nunca deixou de ser o prisioneiro n.º 174517 (número que substitui o epitáfio na sua campa), escolheu falar do horror nazi em vários dos seus livros, um dos quais, *Se Isto é um Homem*, crónica quase científica do que se passou, narrada de forma objectiva e destituída de pathos, viria a transformar-se num dos melhores reflexos literários do “dever de memória” que pesava sobre quem conseguiu escapar do inferno.

O que nos ensinou: uma posição ética inabalável perante a barbárie nazi



J. K. ROWLING (1965-)

Escritores de best-sellers há muitos, do místico Paulo Coelho ao romântico-açucarado Nicholas Sparks. Por serem capazes de mobilizar legiões de leitores fiéis, acabam por deter um poder crescente no cada vez mais comercial mundo do livro. Nenhum deles, porém, chega aos calcanhares desta inglesa que passou anos a escrever em cafés, antes de revolucionar a literatura juvenil com a saga em sete volumes do feiticeiro Harry Potter, um dos maiores êxitos editoriais de todos os tempos. Os números são esmagadores: cerca de 400 milhões de livros vendidos à escala planetária, 10 mil milhões de euros gerados

pelo conjunto da indústria Potter (incluindo o merchandising e os cinco filmes produzidos em Hollywood), recordes absolutos de encomendas na Amazon e de rapidez nas vendas de cada livro, etc. Terminada a série, resta saber o que vai Rowling fazer para se manter na crista da onda, quando não faltam imitadores a criar sucedâneos do rapaz de óculos redondos, a ver se lhes sai a sorte grande.

O que nos ensinou: numa época em que o marketing dita as regras, quem tem uma fórmula de sucesso é rei



GEORGE ORWELL (1903-1950)

Em 1948, este escritor britânico criou uma extraordinária distopia: Mil Novecentos e Oitenta e Quatro. Nesse então futuro longínquo, que para nós já é passado, Orwell imagina uma sociedade totalitária levada às últimas consequências, em que o Estado tem um controlo absoluto sobre os cidadãos, dominando-os através da linguagem (a "Novilíngua" que asfixia à nascença qualquer forma de rebeldia) e da vigilância permanente ("Big Brother is watching you"). Que o nome do ditador, esse Grande Irmão onnipotente, tenha sido dado ao primeiro reality show televisivo de grande sucesso não deixa de ser irónico. Nunca chegámos sequer perto da profecia negra de Orwell, mas há formas mais subtis de alienação que produzem efeitos assustadoramente parecidos. E nem sequer faltam, por esse mundo fora, equivalentes do Ministério da Verdade que tentam manipular o passado com a maior desvergonha, a seu bel-prazer.

O que nos ensinou: "somos todos iguais, mas alguns são mais iguais do que outros"



VLADIMIR NABOKOV (1899-1977)

Russo fugido à Revolução de 1917, Nabokov é um caso à parte na literatura do século XX. Tendo publicado metade da sua obra na língua materna, escreveu a restante num inglês perfeito (à semelhança de Joseph Conrad, embora este nunca tenha escrito em polaco). Académico de "opiniões fortes", era um individualista que via na literatura apenas um meio de alcançar os mais altos cumes da fruição estética. Gostava de borboletas, xadrez e simetrias. Da obra narrativa, destaca-se Lolita, romance sobre o amor de um homem de meia-idade por uma

ninfeta de 12 anos que causou escândalo e foi adaptado ao cinema por Stanley Kubrick.

O que nos ensinou: entre muitas outras coisas, o modo de dizer "Lo-lee-ta", com a língua a fazer uma viagem de três passos entre o céu da boca e os dentes

SCOTT FITZGERALD (1896-1940)

Membro da "geração perdida" de americanos que se tornaram adultos durante a I Guerra Mundial, Fitzgerald é o caso típico de um talento excepcional que não tem consciência da sua grandeza e murcha antes do tempo, como sugeriu o seu amigo Hemingway. Eternamente atolado em problemas financeiros, matrimoniais e de saúde (causados pelo alcoolismo), esbanjou energias em trabalhos alimentares para revistas e argumentos de filmes, morrendo jovem, aos 44 anos, de ataque cardíaco. Dos quatro romances completos que deixou, destacam-se O Grande Gatsby e Terna é a Noite, livros que inspiraram várias gerações de escritores, entre os quais J. D. Salinger, que chegou a considerar-se "o sucessor de Fitzgerald".

O que nos ensinou: "não há segundos actos nas vidas americanas"

ROLAND BARTHES (1915-1980)

Figura de rara abrangência, que espalhou a sua curiosidade intelectual por muitas frentes, recorrendo a vários modelos teóricos (entre os quais o estruturalismo e, quando confrontado com os seus limites, o pós-estruturalismo), Barthes é dos autores que mais resistem a ser resumidos num parágrafo. Da crítica literária à semiótica, da análise textual ao hedonismo, da dissecação dos símbolos materiais da sociedade de consumo (Mitologias) à definição do que é um punctum fotográfico (A Câmara Clara), a sua obra forma uma gigantesca e fascinante rede de sentidos que cobre uma vasta área dos chamados estudos culturais.

O que nos ensinou: a olhar para as coisas (objectos ou obras literárias) de outra maneira, a partir de novos ângulos

RAINER MARIA RILKE (1875-1926)

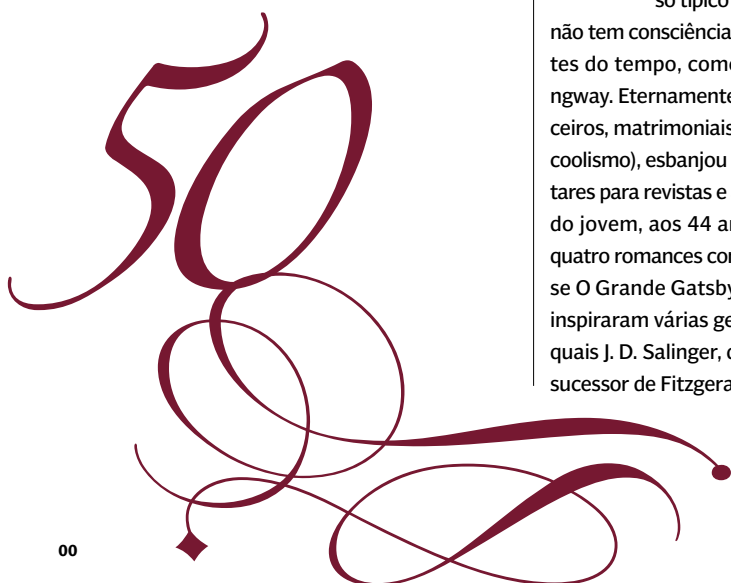
Na poesia, as Elegias de Duíno e os Sonetos a Orfeu. Em prosa, os Cadernos de Malte Laurids Brigge. Bastam estas obras para colocar Rilke entre os maiores escritores de língua alemã de todos os tempos. As suas dez Cartas a um Jovem Poeta, enviadas a Franz Xaver Kappus, com ideias, conselhos e súmulas de arte poética, tornaram-se um modelo da comunicação entre um mestre e potenciais discípulos. A sua influência estendeu-se à música, à pintura e ao cinema.

O que nos ensinou: a transfigurar as coisas no invisível: "A minha verdadeira tarefa é o mundo já não visto pelo homem, mas pelo Anjo"

SYLVIA PLATH (1932-1963)

Durante muito tempo, o mito sobrepôs-se à escritora: as tentativas de suicídio, a tempestuosa relação com o marido (Ted Hughes), a manhã em que acendeu de vez o gás da cozinha. Como se a poesia fosse só um pormenor na vida complicada de "Lady Lazarus", essa mulher espantosa para quem morrer era "uma arte". Confessional sem ser melodramática, Plath inscreveu o seu nome na literatura do século com versos afiados como facas. E tornou-se, compreensivelmente, um dos mais fulgurantes ícones feministas.

O que nos ensinou: a beleza visceral, paredes meias com o desespero



UMBERTO ECO (1932-)

Professor de Semiótica na Universidade de Bolonha, Eco ficou em segundo lugar na lista dos intelectuais mais influentes do mundo publicada pela revista Prospect em 2005, atrás de Noam Chomsky e à frente de Richard Dawkins. O seu eclectismo não podia ser maior: trabalhou na televisão italiana, foi editor (na Bompiani), especialista em estética medieval e em teoria literária, autor de ensaios seminais (como A Obra Aberta, de 1962), cronista na imprensa italiana e mundial, além de romancista. No campo da ficção, os seus livros mereceram não só os favores do público como da crítica especializada. Sobre O Pêndulo de Foucault, por exemplo, houve quem dissesse que se trata de um Código da Vinci para pessoas que gostam de pensar.

O que nos ensinou: os académicos respeitáveis também podem ser best-sellers

ANDRÉ BRETON (1896-1966)

Com o Manifesto do Surrealismo (1924) explicou ao que vinha: a procura de automatismos psíquicos capazes de expressar o funcionamento real do pensamento, “na ausência de qualquer vigilância exercida pela razão e para além de qualquer preocupação estética ou moral”. O resultado foi uma revolução, em França e em várias artes (da poesia à pintura), que chegou tarde e suavizada a Portugal. “A beleza será convulsiva ou não será”, dizia Breton, Papa do movimento e responsável-mor pelos seus cismas.

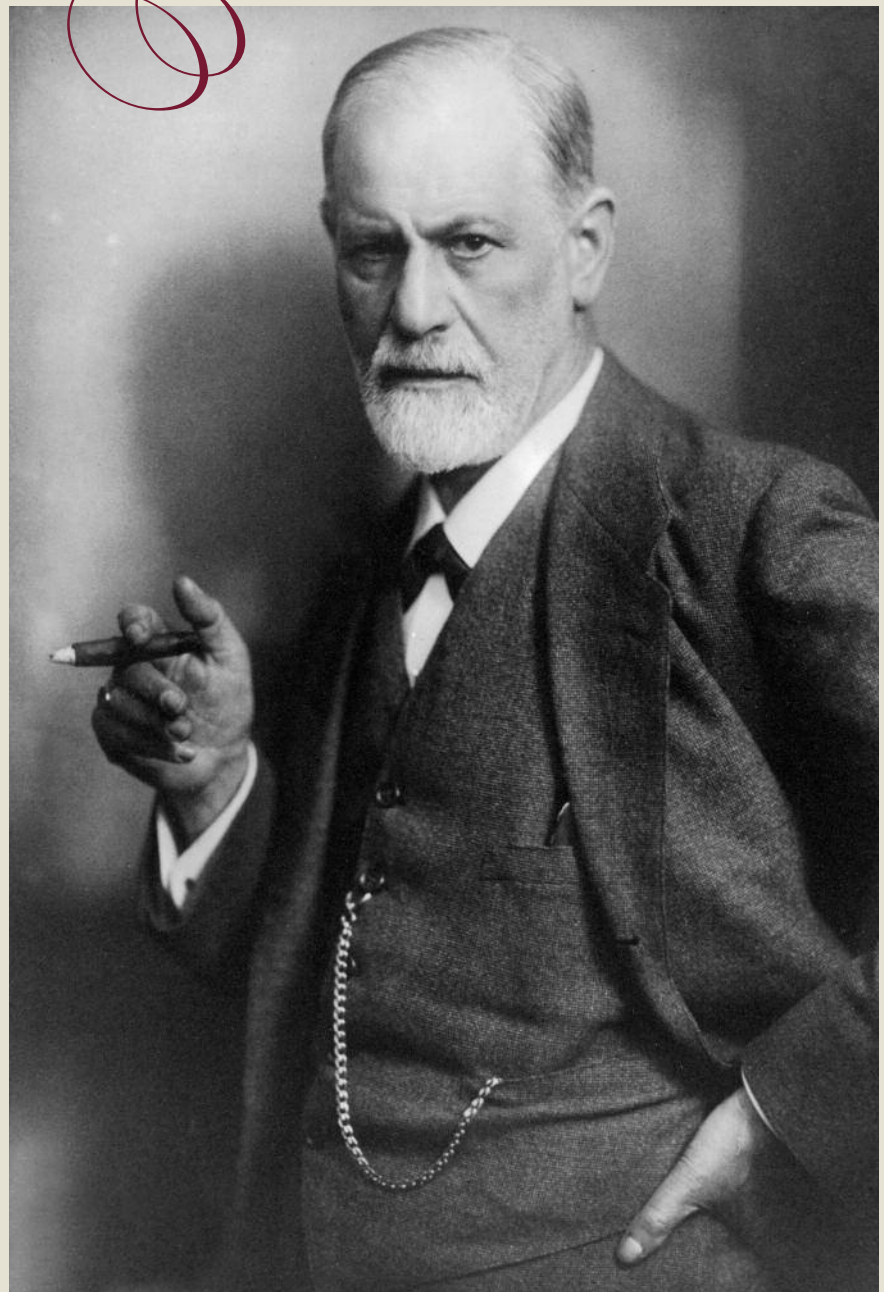
O que nos ensinou: a escrita automática como forma de arrombar as portas do inconsciente

MICHEL FOUCAULT (1926-1984)

Como um verdadeiro arqueólogo, procurou nas camadas do inconsciente colectivo ocidental a essência dos mecanismos de poder e a sua explicação a uma escala microfísica. Interessou-se por todos os que foram empurrados para as margens da sociedade (homossexuais, loucos, outros sem rótulo nem lugar). Não foi o primeiro a escrever “panóptico”, mas fez da palavra um conceito que nasceu na prisão ideal de Bentham e assentou como uma luva às sociedades que desenvolveram as câmaras de vigilância.

O que nos ensinou: O corpo é o primeiro e último lugar do exercício do poder

revista LER (abril 2008)

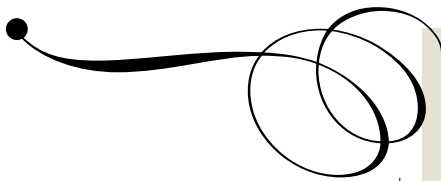


SIGMUND FREUD (1856-1939)

Se houve um lugar marcante do século XX – talvez tão marcante como os cadeirões de lala onde se sentaram Churchill, Roosevelt e Estaline; ou os blocos de betão de que era feito o Muro de Berlim –, esse lugar foi o divã do Dr. Freud. No consultório de Viena, nasceram conceitos teóricos sobre o modo como pensamos, sonhamos e recalamos impulsos – ideias que vieram a ter um impacto enorme na vida das pessoas. E não apenas nas que recorrem à psicanálise, porque as premissas freudianas infiltraram-se em todos os domínios, da literatura ao cinema, da política à fi-

losofia. Ao estudar o inconsciente (esse continente negro), os mecanismos da libido, as simbologias oníricas ou os traumas de infância, o médico austríaco confrontou-nos com a natureza extraordinariamente complexa e precária da nossa psique. Conteste-se ou não a validade dos seus pressupostos, convém salientar um aspecto muitas vezes esquecido: o Dr. Freud era, para além do resto, um grande escritor.

O que nos ensinou: “às vezes um charuto é só um charuto” (mas só às vezes)



MARCEL PROUST (1871-1922)

Embora tenha escrito outras obras, inclusive no campo da não-ficção (ensaio, crítica, crônicas, pastiches), Proust será sempre lembrado como o autor de um projecto literário de escala gigantesca: Em Busca do Tempo Perdido, romance com mais de três mil páginas, dividido em sete volumes (editados há uns anos pela Relógio d'Água, em tradução de Pedro Tamen). Partindo do conceito de "memória involuntária", acesa por uma espécie de interruptor (a madalena molhada no chá), Proust conduz o seu alter-ego através de um prodigioso labirinto de reminis-

cências, num tour de force narrativo que lhe ocupou os últimos 13 anos de vida, passados em reclusão no seu apartamento forrado a cortiça do Boulevard Haussmann. No momento da morte, aos 51 anos, ainda não tinha revisto as provas dos últimos três volumes, publicados postumamente, mas a sua reputação já estava firmada. Graham Greene, por exemplo, considerava-o o "maior romancista do século XX".

O que nos ensinou: o tempo que já passou pesa muito mais do que o que está para vir

GEORGES PEREC (1936-1982)

Com Raymond Queneau, Italo Calvino e outros, deu corpo ao OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle), um dos mais profícuos movimentos de experimentalismo literário, ainda hoje activo. Teve ousadia e génio para escrever, em La Disparition, um romance inteiro sem a vogal mais usada pela língua francesa (o "e"), mas a sua obra-prima absoluta é A Vida Modo de Usar, espécie de hiperficção que vai engolindo a realidade como um buraco negro narrativo.

O que nos ensinou: os constrangimentos formais podem dar asas à imaginação

RAYMOND CARVER (1938-1988)

Dizia-se "propenso à brevidade e à intensidade", razão que o terá levado a escrever apenas contos e poemas. Era também propenso ao álcool, um vício que em vários momentos lhe destruiu a vida. A sua escrita, herdeira longínqua do estilo de Anton Tchekhov, mergulhava no quotidiano dos subúrbios americanos e nas pequenas tragédias da classe média, em contos de uma extraordinária concisão descritiva e de uma melancolia por vezes asfixiante.

O que nos ensinou: quando as olhamos de perto, as vidas banais são tudo menos banais

BARBARA CARTLAND (1901-2000)

Ultra-light e rosa shock, eis Dame Barbara Cartland, uma das mais duradouras socialites inglesas (morreu aos 98 anos). Os mais de 700 romances que escreveu mal se distinguem uns dos outros: há sempre raparigas virginais, príncipes encantados a cujos braços se acolhem, sexo só depois do casamento e uma infinita colecção de lugares-comuns. É piroso, é foleiro, é kitsch? É, sim. De fugir. Mas nunca faltou quem a lesse avidamente, colocando-a quase ao nível de Agatha Christie em termos de vendas.

O que nos ensinou: a eficácia dos clichés românticos



JUAN RULFO (1917-1986)

Ganhou um lugar de destaque no panteão das letras latino-americanas com apenas dois livros curtos: A Planície em Chamas (1953) e Pedro Páramo (1955).

Por prodigiosa que fosse a sua escrita, preferiu pousar a caneta e pegar na máquina fotográfica, mas a sua influência não diminuiu depois da síndrome de

Bartleby. Gabriel García Márquez conta que foi a leitura de Rulfo que o salvou de um bloqueio criativo, no início da década de 60. Ou seja: sem a existência de Comala, talvez não existisse Macondo.

O que nos ensinou: as melhores obras completas não se medem pelo número de páginas



WALTER BENJAMIN (1892-1940)

Intelectual judeu com um destino trágico, morreu em Port Bou (Pirenéus), quando tentava fugir para os Estados Unidos, via Lisboa, escapando aos nazis que acabavam de invadir a França. Com um pensamento originalíssimo, marcado pelo idealismo alemão e pelo misticismo judaico, Benjamin escreveu sobre os mais variados temas – modernismo, Baudelaire, filosofia da História ou as arcadas parisienses

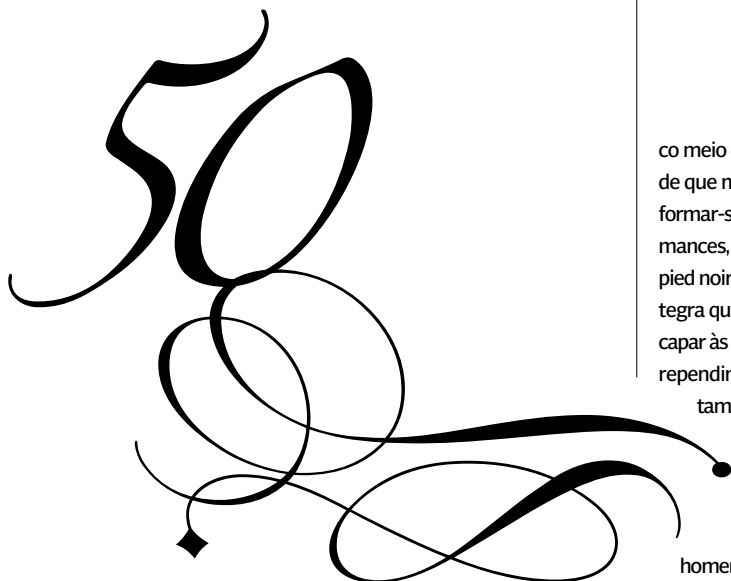
(monumental projecto que não chegou a completar) – num estilo único, assente numa acumulação de fragmentos e em “constelações” de sentido. Os seus livros são dos mais citados nos meios académicos e estudos culturais, nomeadamente a obra de arte na era da reprodução mecânica.

O que nos ensinou: o pensamento crítico enquanto forma suprema de lucidez

J. D. SALINGER (1919-)

Quando é preciso dar exemplos de escritores reclusos, o seu nome vem sempre à baila, juntamente com os de Thomas Pynchon e Cormac McCarthy (embora este último tenha começado a sair do casulo, com aparições no programa da Oprah e na entrega dos Óscares). Salinger deve grande parte da sua fama ao romance *The Catcher in the Rye* (À Espera no Centeio, Difel), um livro de culto para sucessivas gerações de jovens revoltados, desde que foi publicado em 1951. O escritor ainda editou contos e novelas até ao início da década de 60, mas depois disso fechou-se à chave dentro da sua vida e remeteu-se a um silêncio absoluto, até agora imune às muitas tentativas de violação da privacidade. Embora nunca tenha deixado de escrever, não se sabe ao certo a magnitude da obra póstuma que vai deixar. Entre os autores que assumiram uma influência do peculiar estilo de Salinger, contam-se Harold Brodkey, John Updike, Haruki Murakami e o Philip Roth dos primeiros tempos.

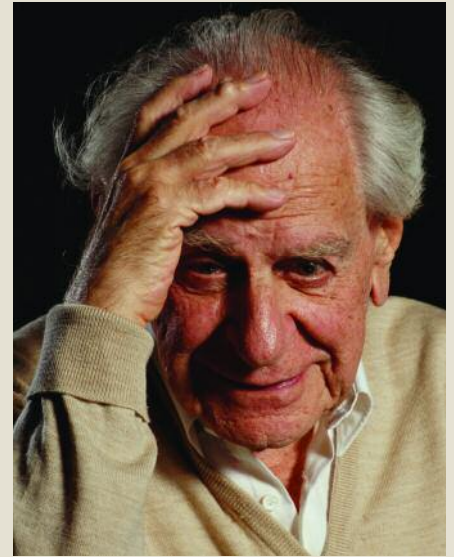
O que nos ensinou: a retórica da invisibilidade



KARL POPPER (1902-1994)

Indiscutivelmente um dos mais importantes filósofos da ciência, este austríaco, mais tarde naturalizado britânico, atravessou o século quase todo, abarcando vários domínios do saber: epistemologia (assente no racionalismo crítico e na ideia de que os avanços científicos acontecem através de um sistema de hipóteses, sujeitas a conjecturas e refutações); filosofia analítica (campo em que explorou o problema da Indução); e filosofia política (com uma crítica feroz ao historicismo e aos modelos totalitários). A sua defesa de uma “Sociedade Aberta”, teorizada num ensaio clássico (*The Open Society and Its Enemies*), transformou-o numa das principais referências do liberalismo. No campo da filosofia da ciência, as suas ideias foram pontos de partida para Lakatos e Feyerabend (que as repudiou), mas a sua influência extravasou a academia, chegando ao investidor George Soros.

O que nos ensinou: é preciso duvidar de tudo, até das dúvidas



ALBERT CAMUS (1913-1960)

Chamaram-lhe existencialista mas recusou essa etiqueta, como de resto todas as outras com que o quiseram catalogar. Era um espírito livre que via na revolta “o único meio de superar o absurdo”, mas com consciência de que muitas revoluções estão condenadas a transformar-se em tiranias. No mais conhecido dos seus romances, *O Estrangeiro*, criou Meursault, como ele um pied noir (francês nascido na Argélia), personagem íntegra que, ao ser julgada por homicídio, não tenta escapar às suas responsabilidades através de um falso arrependimento. Muitas vezes citado em filmes, o livro também inspirou um número invulgar de canções pop/rock, entre as quais *Killing an Arab*, dos The Cure.

O que nos ensinou: a solidão existencial do homem moderno

MARGUERITE DURAS (1914-1996)

Ao entrar em qualquer um dos seus textos, reconhecemos imediatamente um tom, uma voz, uma cadência, uma textura que é dela e só dela. Nunca lhe faltaram elementos biográficos (a infância na Indochina, a resistência contra os nazis em Paris, a militância comunista e posterior dissensão, os muitos amores, as crises de alcoolismo) capazes de lhe oferecer material romanesco. No entanto, o que a distinguiu enquanto escritora foi um certo encantamento com a melodia das frases, a carga erótica da linguagem que se toca como se fosse um corpo, uma espécie de hipnose, uma vertigem onde cabe tudo: a loucura dos amantes, o silêncio, as emoções que não podem ser ditas, o aroma de uma magnólia em flor.

O que nos ensinou: escrevemos para saber o que escreveríamos se escrevêssemos